

SHAKESPEARE E ESCRITA: A VOZ DE ROMEUS E JULIETAS DA TERCEIRA IDADE

Ânderson Martins Pereira*

Katia Vieira Morais**

Fabiane Lazzaris***

Resumo: A crescente revolução tecnológica, da qual nossa sociedade é alvo, vem exigindo não só repensar as formas de comunicação e como o homem contemporâneo afeta e é afetado por elas, mas também as necessidades linguísticas e identitárias decorrentes de tais mudanças. Em uma sociedade que aponta cada vez mais para o espaço digital como espaço efetivo de interação e que corporifica indivíduos de forma cada vez mais aguda com tecnologias móveis, torna-se necessário a discussão sobre a inclusão de outras camadas sociais e faixas etárias a este meio digital. Diante disso, o presente artigo objetiva avaliar textos produzidos por alunos da terceira idade alunos do projeto Gêneros Literários em Ambientes Digitais (GLADs) 2013 e investigar quais são as especificidades deste grupo na aquisição do gênero e do universo digital. A presente pesquisa se ampara nas contribuições teóricas de Scholes (2011), Burke (1945) e Jenkins (2009).

Palavras-chave: Escrita. Novas mídias. Inclusão.

1 Introdução

Contam-se histórias para entreter, passar conhecimento, desenvolver valores, para relacionar-se com o outro, ou seja, contam-se histórias como uma forma de inclusão social e cultural. Todavia, muitas formas de contar são restritas a classes sociais e faixas etárias específicas, especialmente em relação ao advento da internet e das novas mídias que proporcionam outros recursos para narrar, muitas vezes de forma coletiva e colaborativa. Grupos que não penetram estes espaços são silenciados e restringem sua comunicação e interação social. Portanto, o domínio das tecnologias da informação é preponderante para que

* Possui graduação em Licenciatura em letras pela Universidade Federal do Pampa (2012) e especialização na área de Linguagem e Docência (2014) pela mesma instituição. Recentemente finalizou o Mestrado em letras com área de concentração em literatura comparada na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atuando principalmente nos seguintes temas: Utopia, Distopia, transumanidade, pós-modernidade e pós-humanidade.

** Professora de Língua Inglesa na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) desde 2011, membro fundadora da Sociedade Brasileira de Retórica e coordenadora do programa Idiomas sem Fronteiras na UNIPAMPA desde 2013. Doutora em Retórica, Escrita e Ensino de Inglês pela University of Arizona (2010). Bolsista Fulbright também na University of Arizona onde completou mestrado em inglês (2003-2005). Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (1998) e Licenciatura em Letras- Português e Inglês (1988) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

*** Doutora em Literaturas de Língua Inglesa (2016) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa (2009) e graduação em Bacharelado em Inglês (2005) na mesma universidade. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Estrangeira Moderna em Inglês. É professora adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) em Bagé/RS, atuando em ensino, pesquisa e extensão, e se dedica à pesquisa sobre literatura, mídias e ensino.



sujeitos se comuniquem com eficácia no século XXI e se constituam como cidadãos participantes na sociedade atual. Dessa forma, é importante que indivíduos da terceira idade tenham acesso a cursos que promovam a inclusão digital, garantindo a estes igualdade de participação na sociedade atual.

Tendo em vista essa realidade, este artigo visa analisar as atividades de escrita digital desenvolvidas no projeto Gêneros Literários em Ambientes Digitais (GLADs), do Programa de Extensão Observatório de Aprendizagem, financiado pelo PROEXT MEC na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), na cidade de Bagé no ano de 2013, que contou com a parceria com o Centro do Idoso, instituição que oferece oficinas para o público bajeense de sessenta anos ou mais. O projeto GLADs 2013, coordenado pela Profa. Fabiane Lazzaris e com co-orientação pedagógica de Anderson Martins Pereira, tinha como objetivo a captação das narrativas de algumas regiões da cidade de Bagé através da tecnologia. A iniciativa pretendia, também, a valorização da identidade local e o resgate da autoestima por meio de uma troca entre culturas, pensando o letramento digital e a “contação” de histórias como forma de ampliar os horizontes culturais dos participantes. Desta forma, espera-se que a partir dos textos possam-se discutir necessidades e especificidades na aquisição do gênero digital por tal público.

2 Fundamentação teórica

O presente projeto toma como pressupostos teóricos autores de áreas diversas, os quais auxiliaram a descrever o espaço digital ou a aclarar processos de escrita e narrativa. Primeiro, definiremos espaço e conceitos relacionados à conectividade relacionada a este, para entendermos a plataforma digital usada no projeto. Depois, questionaremos o conceito de literatura a partir de uma ideia mais abrangente que comporte textos artísticos criados hoje. Por fim, demonstramos como o pentáculo de Burke será usado para analisar a motivação da escrita dos alunos.

Primeiramente, faz-se necessária a definição de espaço trazida por Lúcia Santaella (2007), visto que este trabalho entende que o espaço virtual é um espaço agregado à experiência de sala de aula ou à experiência “física”.

Falar em “realidade” – mesmo que seja aquilo que ingenuamente entendemos por realidade – nos conduz para o espaço da percepção e das experiências humanas, nas quais o conceito de espaço passa a ter um estatuto psíquico, social e histórico que apresenta uma multiplicidade trasbordante de facetas (SANTAELLA, 2007, p.164)

Na passagem acima, Santaella alarga a noção de espaço, mas não apenas para um conceito mais amplo do espaço físico, e sim para outro lugar, no qual existem outros papéis, regras e noção de tempo. Um exemplo disso é a sincronia que pode ser observada em trocas de informações que se dão quase simultaneamente no espaço *online*. Esse território, ainda que diferente, é um espaço acrescido à vida social contemporânea. Um espaço em que, por meio de perfis, avatares e ferramentas, nos corporificamos e interagimos.

A questão de espaço norteia também a problemática da inclusão, neste caso a inclusão digital. Quando este conceito emerge em meios acadêmicos, fala-se na inclusão do indivíduo ao espaço digital e se imagina que a possibilidade de cerceamento deste lugar está mais relacionada a questões financeiras, porém estudos, como o de Marcelo Urresti (2008), demonstram que a grande inclusão se dá em uma faixa etária específica.

Em um contexto geral, os mundos da vida dos adolescentes e jovens recebem de maneira direta a influência destas novas tecnologias, a qual os têm como protagonistas voluntários na primeira frente de batalha da adoção das inovações, como se tem dito em inúmeras ocasiões, são “nativos digitais”. Isto supõe que aquilo que para as gerações anteriores é novidade, imposição externa, obstáculo, pressão para se adaptar ao trabalho, na gestão, no entretenimento e em muitos casos temor, para as gerações mais jovens é um dado a mais de sua existência cotidiana, uma realidade tão naturalizada e aceita que não merece sequer a interrogação que dirá alguma crítica. (URRESTI, 2008, p.13-14; nossa tradução) ¹

Como pode se perceber no excerto acima, o computador é hoje utilizado cada vez mais como ferramenta universal, agregando em si não só a simultaneidade de acesso a conteúdos, mas outros facilitadores para sua própria produção, compartilhamento e vivência plena na sociedade moderna. Sabe-se que ascendentemente o espaço digital vem se assomando a vida cotidiana e, neste viés, a inclusão a este território tem se tornado cada vez mais necessária. Isso se dá na mesma proporção em que a desmistificação e o letramento levam estes indivíduos a pertencerem de forma mais integral à sociedade contemporânea.

É importante, contudo, apresentar o que entendemos por letramento, para que junto a tal definição possa se entender melhor a relevância de fazê-lo em um público tão específico como a terceira idade. Neste sentido, este trabalho ancora-se no artigo “Writing the future in the digital age”, escrito por Guy Merchant. Neste texto, o autor busca versar somente sobre o

¹ Do original: “En este contexto general, de los mundos de vida de los adolescentes y los jóvenes reciben de manera directa la influencia de estas novas tecnologías que los tienen como protagonistas voluntariosos, en el primer frente de batalla de la adopción de las innovaciones, o como se ha dicho en numerosas ocasiones, como “nativos digitales” Esto supone que aquello que para las generaciones anteriores es novedad, imposición externa, obstáculo, presión para adaptarse- en el trabajo, en la gestión, en el entretenimiento- y en muchos casos temor reverencial, para las generaciones más jóvenes es un dato más de su existencia cotidiana, una realidad tan naturalizada y aceptada que no merece siquiera la interrogación y menos aún crítica.” (URRESTI, 2008, p.13-14)



conceito de letramento digital, afastando-se da vinculação estrita a letra e o alargando ao nível simbólico, como pode se ver abaixo:

Letramento digital pode então ser isto como o estudo da representação escrita ou simbólica que é mediada pela nova tecnologia. Sua principal preocupação seria a produção e o consumo do aspecto verbal e simbólico de textos criados em telas, e esse seria seu ponto de partida inicial com a alfabetização impressa. Além disso, as possibilidades específicas de alfabetização digital poderiam ser conceituadas como um produto dos meios tecnológicos de sua produção e consumo. Isso não quer dizer negar a natureza complexa e muitas vezes muito visual de muitos textos digitais. (MERCHANT, 2007, p. 121; tradução nossa)²

A partir do exposto, vê-se a necessidade de um letramento que vá além da escrita relegado ao texto físico, mas explore globalmente os símbolos e informações, aos quais a comunidade moderna é diariamente exposta. Neste sentido, promover um letramento digital é dar ferramentas para que o aluno leia melhor o mundo e se utilize dessa leitura para consumir e produzir informação e para ser efetivamente incluído em um espaço comunicativo.

Partindo deste pressuposto, ainda que o letramento inicial dê ênfase à utilização prática do gênero, o objetivo do projeto era a motivação através da produção de arte, e essa ênfase na ideia de produção ancora-se na ideia de que os participantes podem produzir arte. Para tal, é necessário repensar a noção de arte aproximando-a dos participantes, tanto no que se refere à gama de gêneros e ferramentas virtuais quanto na democratização do acesso a mesma.

Nós necessitamos expandir a noção de literariedade para incluir sinais que não são verbais. Tudo em um texto que tem significado é um signo, incluindo representações visuais de eventos e música que influenciam nossa percepção do que vemos (SCHOLES, 2011, p. 12; tradução nossa)³.

Neste sentido, Robert Scholes acredita em um alargamento nas definições de literatura, chegando a utilizar um novo conceito mais abrangente: o de textualidades. Este trabalho não pretende propor um novo conceito, mas sim utilizar-se deste para discutir um alargamento do conceito de literatura. Acredita-se que a partir dessa expansão o participante

² Do original: “Digital literacy could then be seen as the study of written or symbolic representation that is mediated by new technology. Its prime concern would be the production and consumption of the verbal and symbolic aspect of screen-based texts and this would be its initial point of departure with print literacy. Furthermore, the specific affordances of digital literacy could be conceptualised as a product of the technological means of its production and consumption. This is not to deny the complex and often very visual nature of many digital texts.” (MERCHANT, 2007, p. 121)

³ Do original: “We need to stretch the notion of literariness to include signs that are not verbal. Everything in the text that carries meaning is a sign, including visual representation of events and music that influences our perception of what we see” (SCHOLES, 2011, p. 12)



pode ver seu trabalho reconhecido como produto artístico e que isso o motive à autoria. Partindo de Scholes (2011), o primeiro passo para a autoria literária estaria na desconstrução da ideia modernista de que os textos literários são obras de arte inatingíveis. É necessário aproximar a literatura do participante, criar uma noção que abarque também as ferramentas, das quais essa nova sociedade se utiliza, para produzir arte.

Quem não levanta curiosa e respeitosamente as sobranceiras diante da categoria escritor associada ao nome de alguém? (...)Essa relação é tão forte que faz parte de nossa experiência de leitores imaginarem uma figura, uma personalidade para o autor que estamos lendo. É muito difícil, até mesmo para leitores experientes e sofisticados, evitar a superposição do autor e de seu personagem, especialmente se o texto fala em primeira pessoa (GUEDES, 2012, p 91)

A partir da passagem acima, podemos inferir a ideia de motivação pela escrita, entendendo-a como emancipatória. A autoria se destaca no espaço digital, pois as novas mídias possibilitam compartilhamento de textos autorais de uma forma singular e acentuada. Guedes (2012) fala sobre a motivação que se dá pelo status da escrita compartilhado pela sociedade. Neste viés, a voz dos participantes atinge outras proporções, já que se insere em novos campos que possibilitam a propagação de suas narrativas.

Pretende-se analisar tais produções dos participantes a fim de observar como acontece a apropriação no processo de escrita. Escolheu-se trabalhar com a motivação da narrativa e os elementos básicos descritos por Kenneth Burke, cujas ideias são largamente difundidas na retórica, sendo elas base para vários autores. O teórico apresenta alguns princípios básicos de narrativa que serão utilizados para a presente análise.

Uma pesquisa puramente histórica exigiria nada menos do que uma história universal da cultura humana, de qualquer julgamento, exortação ou admoestação, cada visão da realidade natural, ou sobrenatural. Toda a intenção ou expectativa envolve suposições sobre motivo ou causa. (BURKE, 1945, XXII; nossa tradução)⁴

Os textos estão inscritos em um espaço retórico na medida em que os criamos conscientemente. Para Burke, o narrar possui uma motivação, e essas motivações podem ser encontradas respondendo-se perguntas simples para o texto e identificando cinco elementos primordiais aos quais o autor denomina pentáculo: “O que foi feito (*act*), quando ou onde isso

⁴ Do original: “A purely historical survey would require no less than a universal history of human culture; for every judgment, exhortation, or admonition, every view of natural or supernatural reality, every intention or expectation involves assumptions about motive, or cause.” (BURKE, 19945, XXII)



foi feito (*scene*), quem fez isso (*agent*), como ele o fez (*agency*) e por que (*purpose*)” (BURKE, 1945, p. 15; nossa tradução)⁵.

Neste sentido, Burke tece relações entre os elementos deste pentágulo e para ele cada texto carrega consigo proporções entre esses elementos – estas proporções são denominadas *ratios*. Os *ratios* nos ajudam no reconhecimento das habilidades discursivas dos alunos em gêneros textuais, visto que as proporções e as relações dos elementos do pentágulo variam de acordo com o gênero alvo. Por exemplo, a partir do *act*, podemos estabelecer relações entre *act* e *scene*, ou *act* e *agent* e assim por diante. Cada uma dessas relações vai ser estabelecida pelo autor, que se preocupará com a organização das ideias ou com a ênfase que dará ao seu texto.

Por fim, tendo em vista que este trabalho se ancora em textos que, de certa forma, reconstroem um relato de experiência de um projeto não convencional, tanto por sua noção participativa como por seu olhar para o produto e/ou pela visão que traz a respeito da literatura e das prioridades de ensino, há a necessidade de amalgamar teorias que se inscrevem em vários terrenos. Neste sentido, Jenkins concatena os desafios deste processo em prol de um novo olhar para o ensino.

Para superar estes desafios, nós precisamos repensar quais habilidades e competências fundamentais, nós queremos que nossas crianças adquiram na sua experiência de aprendizagem. A nova cultura participativa coloca nova ênfase em habilidades familiares que tem sido centrais para a educação americana. Isso também requer que os professores prestem uma grande atenção a habilidades sociais e competências culturais que emergem na paisagem das novas mídias. (...) Nós proveremos um quadro para refletir sobre que tipo de aprendizagem deverá ocorrer se nós estivermos a colmatar a falta de participação, o problema da transparência e os desafios éticos. (JENKINS, 2009, p. 18)⁶

Jenkins articula a relação entre as mídias digitais, a arte, a contemporaneidade, a motivação e, conseqüentemente, a identidade, reconhecendo as infinitas possibilidades das novas tecnologias. A sociedade contemporânea discute quais habilidades são necessárias e quais competências devem ser abordadas nesse novo contexto de ensino-aprendizagem. A escrita é a chave para a motivação e para o “empoderamento” da voz. Trata-se de uma escrita

⁵ Do original: “What was done (*act*), when or where it was done (*scene*), who did it (*agent*), how he did it (*agency*) and why (*purpose*).” (BURKE, 1945, XV).

⁶ Do original: “To address these challenges, we must rethink which core skills and competencies we want our children to acquire in their learning experiences. The new participatory culture places new emphasis on familiar skills that have long been central to American education; it also requires teachers to pay greater attention to the social skills and cultural competencies that are emerging in the new media landscape. (...) we provide a framework for thinking about the type of learning that should occur if we are to address the participation gap, the transparency problem, and the ethics challenges.” (JENKINS, 2009, p. 18)



que não apresenta fronteiras entre espaços físicos ou virtuais, inserindo-se em uma revolução midiática e comunicativa, da qual nossa sociedade é alvo.

3 Metodologia

São intrínsecos ao projeto e, por conseguinte, à prática os processos de compartilhamento local e global. Em nível local, os participantes contariam suas histórias e interagiriam com as dos demais participantes, tornando-se conscientes da sua própria voz, de sua cultura local, e assim se reconheceriam também como seres criativos. Já em nível global, o contato com o estrangeiro cria conexões que expandem os saberes e, através do uso da internet, possibilita aos participantes o alargamento de suas fronteiras imediatas. A cada encontro os participantes eram apresentados a um novo conteúdo e produziam, no final, algo seu. Isso se deu em função do posicionamento metodológico do projeto que utiliza essa metodologia PPP⁷, que se focaliza na instrumentalização para a produção. Isto é importante, pois ainda que se leve em conta o diário reflexivo da bolsista, as produções dos participantes carregam em si momentos de apresentação e prática imbricados, enriquecendo a análise em nível de processo.

A oficina aconteceu no período de 06 de setembro a 06 de dezembro de 2013, totalizando 10 encontros de duas horas. O grupo foi escolhido para participar usando os critérios de disponibilidade de horário e a ordem de inscrição. As aulas aconteceram tanto dentro do Centro do Idoso quanto na Unipampa (Universidade Federal do Pampa), em virtude da necessidade do uso do laboratório de Informática. A prática enfatizou a escrita e partiu do relato oral para o letramento do gênero digital e-mail na plataforma Gmail até o desenvolvimento de atividades mais elaboradas de escrita dentro e fora da plataforma.

O alvo de análise deste trabalho são os textos dos participantes realizados em dez encontros do projeto. Tais textos foram produzidos dentro e fora da plataforma Gmail, criados digital ou manualmente nos momentos de produção de cada encontro. A motivação para estes textos está na utilização do letramento e da temática do amor trágico de *Romeu e Julieta*, aproximando este conteúdo das vivências dos participantes.

Dessa forma, os primeiros dois encontros trazem produções relacionadas ao diagnóstico do conhecimento do participante acerca das novas mídias e a importância do meio digital em suas vidas. Os dois encontros seguintes trabalham com o gênero e-mail e a

⁷ A concepção das oficinas se baseia no processo *Presentation, Practice, Production* (PPP) para a sua elaboração, sob a concepção de CASE (2013). Sob esses aspectos, as oficinas eram organizadas primeiramente pela apresentação do conteúdo que seria abordado (*Presentation*), exercícios de produção de conteúdo (*Controlled ou Freer Practice*) e por último uma produção criativa por parte dos participantes (*Production*).



utilização funcional da plataforma. Sendo assim, os textos destes encontros são e-mails virtuais. Os textos seguintes aliarão a temática do amor trágico e das vivências amorosas pelos participantes à rede social Gmail, fazendo com que os participantes se apropriassem da plataforma e produzissem a partir disto. Todavia, outros gêneros foram produzidos nestes sete encontros restantes, como será mais bem exposto na seção “resultados e análises”. Ainda assim, os critérios de análise abaixo se mantêm fixos para todas as produções.

Para este fim, a análise a partir de Kenneth Burke abordará a motivação da escrita na produção textual. Assim, a análise não foca somente na presença dos elementos do pentágono no texto dos participantes, mas estabelece uma relação entre estes elementos e destaca suas proporções. A análise dos *ratios* é interessante, pois apenas a presença ou ausência das proporções isoladas não constitui uma análise profícua.

É importante salientar que a apreciação se dá de forma qualitativa e, neste sentido, os textos considerados para análise abarcam não apenas as questões de letramento, mas dialogam com a temática e, por conseguinte, com a ficcionalização, a motivação e arte que são elementos constituintes dos objetivos esperados no projeto. É importante frisar, também, que a escolha dos textos se dá por considerá-los mais pontuais quanto à problematização sobre questões de motivação (Burke, 1945) e ganhos na escrita.

4 Resultados e discussões

Ainda que questões de letramento perpassem a análise que será feita neste trabalho, o foco se dá na verificação do papel da escrita destes participantes, no que tange sua voz. As experiências da prática apontam para a ideia de que o letramento em gêneros digitais faz com que os idosos trabalhem mais facilmente a escrita. Acredita-se que isto se deva ao fato dos idosos contarem com a motivação da inserção em outro espaço, no qual eles têm sua voz renovada. Os textos não foram corrigidos para a digitação, pois se acredita que esta seja uma apresentação mais fidedigna dos dados. Sendo assim, por um princípio ético preferimos nominar os participantes como A, B e assim por diante.

Os primeiros textos produzidos foram de cunho diagnóstico. Os participantes deveriam apresentar um texto sem tamanho estipulado, que se relacionasse com a temática “novas tecnologias e comunicação”. Dessa forma, a partir de uma roda de conversa sobre *Romeu e Julieta*, os participantes deveriam refletir sobre a falta de comunicação que desencadeou o final trágico da história e sobre a possibilidade ou não de acontecimentos similares na contemporaneidade, devido às novas tecnologias da comunicação. Os participantes deveriam argumentar seu ponto de vista. Ainda assim, pode-se dizer que não



houve um cumprimento total da consigna dada para tal produção, como será observado nos textos abaixo dos participantes A, B e C, respectivamente.

De tudo foi posto nesta aula, aprendemos [sic] que com a ajuda da tecnologia, a, beneficiossão [sic] de grande utilidade. Hoje visto que pela internet estamos sempre juntos em áudio e vide [sic], com pessoas distantes (GLADS, 2013, *online*)

Trabalhos históricos dentro da internet, é uma grande integração com o mundo (GLADS, 2013, *online*)

O que é mídia digital. É uns aparelhos modernos que nos levam a qualquer lugar do mundo claro só depois que conseguimos manozialos [sic] foi o que eu entendi (GLADS, 2013, *online*)

Ambos os textos não foram feitos dentro do gênero alvo, sendo predecessores do letramento que seria feito no espaço digital. Todavia, serviram como atividade diagnóstica para a escrita destes participantes e para a temática de amor trágico que perpassaria o projeto. Ainda que se possa analisar o pentáculo de Burke, essa análise não seria interessante para esta produção, visto que não se podem examinar as proporções entre os elementos de maneira significativa. Além disso, alia-se o parco desenvolvimento de ideias e o fato de que não fora elegido um gênero para a produção.

Todos que participam das oficinas sempre foram assíduos nos encontros e sempre mostraram boa vontade e gana em tentar aprender algo que, para eles, não faz parte do cotidiano de suas vidas. Eles têm computador, mas não têm quem ensine. (CRUZ, 2013, *online*)

Quanto a questões de letramento, os participantes se ocuparam e motivaram-se por aprender a utilizar o computador. A criação de contas, a apresentação do conteúdo e a aprendizagem foram desenvolvidas por meio de várias dinâmicas, e a apropriação destes conteúdos se deu de maneira satisfatória.

Após a apresentação destes participantes à plataforma Gmail, pôde-se observar na escrita dos participantes um processo que se aproximou à escrita da carta. O texto não levou em conta a simultaneidade do gênero e as novas tecnologias que notificam o usuário imediatamente de seu recebimento onde quer que este esteja, assegurando uma resposta quase imediata.

Oi Filho

Da ultima [sic] vez que nos falamos estavas com rinite alergia [sic] dor de garganta e cabeça. Agora que o tenebroso inverno nos deixou, espero teres melhorado,retomado [sic] as aulas na faculdade e te dedicado com vontade ao trabalho.Teu[sic] chefe continua camarada?
Desejo que a primavera te traga alegria ,saúde [sic] e disposição[sic]
Com saudades. (GLADS, 2013, *online*)

Na produção do participante G, pode-se depreender um longo período no qual o autor e o leitor não se falavam. As partes “da ultima [sic] vez você estava com renite alergia”, “agora que o tenebroso inverno passou” e “desejo que a primavera te traga” trazem consigo uma ideia de que ambos não voltaram a se comunicar novamente por um tempo considerável. É possível também analisar essa frase e o que vem a seguir, terminando em “com saudades” como um fechamento comum ao gênero carta. Esta estrutura não se faz comum no gênero e-mail, nos dias de hoje, pois contamos com uma simultaneidade de resposta. Ademais, ainda que ambos os gêneros possuam muitas similaridades, os participantes eram levados a refletir sobre as peculiaridades de cada texto, afim de capacitá-los a produzir no gênero alvo.

Viajar

oi [sic] querido filho Ronaldo [sic] ,temos uma grande festa no centro do idoso espero que esteja com sude [sic] que possa vir vou te esperar. Vai [sic] ser uma maravilha. vai vir artista de toda parte . já mandei fazer uma roupa nova sei que tu vai gstartuinto [sic] .eu[sic] aqui estou bem só commuintas [sic] saudades. Te [sic] espero nos próximos [sic] dias. (GLADS, 2013, *online*)

No texto do participante E, acima, podemos verificar que a ideia de simultaneidade começa a ser internalizada pelo aluno. Os participantes começam a utilizar a plataforma para coisas corriqueiras como, por exemplo, fazer um convite para uma festa que se dará em alguns dias e sabem que o seu e-mail será lido a tempo da preparação do leitor para o evento que se dará nos “próximos dias”.

Ainda que o letramento dentro da plataforma Gmail estivesse ocorrendo de forma positiva, fora observado, conforme os relatos da bolsista, que um dos elementos que dificultavam a escrita era a inadaptação ao teclado.

Sinto uma grande dificuldade na maioria com relação ao teclado. Muitos não têm noção de onde fica determinada tecla. Então sempre quando proponho algo para escrever, eles sempre fazem algo curto, por saberem que não vão conseguir digitar tudo e pela dificuldade com teclado. Eles sempre optaram por fazer algo mais curto, mesmo eu indo de mesa em mesa e pedindo textos maiores. (CRUZ, 2013, *online*)

Os participantes sentiam-se pouco confortáveis com a digitação, não desenvolvendo de forma clara suas histórias. Embora as primeiras atividades escritas tenham sido feitas fora do digital e houvesse uma evolução da escrita, como fora visto pelo desenvolvimento das “motivações” de Burke (1945), e que essa progressão se dera no desenvolvimento das ideias dessas motivações, pode-se observar que este desenvolvimento foi prejudicado, devido à não familiaridade dos participantes com o hardware da máquina.

Artesanato

como vai eu estou muito bem graças a Deus só com saudades estou trabalhando com artesanato tem coisas lindas prontas quando for aí vou levá-las para mostrar a você sei que vais adorar. quando pretendem vir a Bagé [sic] tem lugares novos para degustar comidinhas diferentes [sic]sei que você adora. vou terminar que o tempo é curto um abraço. (GLADS, 2013, *online*)

A produção de “D” pertence a essas primeiras levas de letramento nas quais os participantes foram expostos à simultaneidade do e-mail e também instigados a contar suas histórias. Neste texto não conseguimos ver claramente o pentáculo de Burke. Existem vários *acts*, mas não são escandidos e as outras partes do pentáculo não ficam claras. Sabemos que ela está trabalhando com artesanato, mas não onde, quando, por que ou para quê; também sabemos que existem lugares novos para degustar comidas, as quais a amiga adora, e sabemos ser essa última a *purpose*, mas não temos ideia de contextos, por exemplo. Tudo é genérico. Por fim, o participante textualiza sua vontade de não dar maiores informações no texto com a passagem “vou terminar que o tempo é curto”. Podemos entender isso como uma forma textual na qual o escritor não só se desculpa pela síntese de seu texto, mas também se exime de respondê-las, na medida em que cria um pretexto para não mais lidar com este problema.

Sabendo que os participantes estavam interessados e engajados nas propostas, como visto na passagem já citada do diário da bolsista, todavia os textos representavam ainda uma disparidade com o que era apresentado em sala de aula e com base nos relatos da bolsista e de reclamações escutadas por ela, resolveu-se deixar o computador de lado para que se pudesse então verificar se o hardware constituía um grande obstáculo para a produção. Assim, após vários e-mails trocados os participantes foram desafiados a participarem de um concurso em aula, chamado “Concurso da melhor história”, no qual deveriam contar uma história não importando o formato ou a temática – queria-se incentivar o narrar e o narrar a partir da própria experiência. Assim, muitos “causos” foram escritos, como podemos aferir pela produção do participante E.

GRADE MILAGRE DIVINO

Serta [sic] vez tinha menininho que brincava com uma galinha, que éra [sic] de sua estimação. E em sua casa entrava muitas cobras cobras [sic] a noite. E sua mãe serto [sic] dia armou uma ratoeira para ver se pegava as cobras que poderia virpara [sic] a cama da criança.Serta [sic] hora da noite ela escutou aquele barulho na ratoeira, pensou que éra [sic] a cobra, que estava preza, e foi ao contrário , era a galinha quetinhacaida [sic] na ratoeira. Aparentemente ficou morta, e sua mãe correu e pegou a galinha e colocou a cabeça debaixo de uma torneira d’água[sic],e a galinha voltou a viver , este foi um grande milagre divino. (GLADS, 2013, *online*)

No trecho acima, temos o exemplo do participante E. Diferente dos exemplos anteriores é facilmente recuperável no texto qual foi o *act* do texto “a galinha presa na ratoeira”, o *scene* é a casa do menino, na qual havia muitas cobras. *Agency* é a ratoeira que é a ferramenta utilizada para que ocorresse o *act* e, por fim, a *purpose* é a proteção do menino. Mesmo que não tenham sido feitas reflexões sobre o gênero de narrativa que se esperava, os participantes, em geral, conseguiram transitar do gênero e-mail para uma narração escrita que pode ser entendida aqui como “causo”. É importante frisar que as outras histórias se estabelecem e geram reflexões muito parecidas, sendo esta escolhida apenas por ser mais clara a separação entre as motivações propostas por Burke (1945).

Investindo mais na temática do amor e fazendo reflexões sobre o filme *Romeu e Julieta*, os participantes assistiram ao filme *Cartas para Julieta*. Fora, então, disposta para os participantes uma caixa na qual eles deveriam também escrever uma carta para Julieta. Afastamo-nos do computador, entendendo o nosso compromisso com o letramento que havia sido feito e vinha sendo reiterado por atividades de prática no decorrer da oficina, mas estabelecemos como prioritário a “contação” de histórias. Deste modo, o momento de produção ancorar-se-ia agora no papel e caneta, visto as dificuldades apresentadas não com o software ou com o gênero, mas com algo muito mais primal e do qual não teríamos tempo hábil para sanar as dificuldades, como a digitação.

As produções narrativas se adequaram perfeitamente ao gênero carta, o qual fora exposto brevemente. Entendeu-se que os participantes já haviam sido expostos o bastante ao gênero e que este lhes era comum. Entretanto, adequaram a forma de suas cartas para os exemplos de textos vistos no filme, no qual pessoas deixavam cartas para Julieta para que suas histórias de amor fossem abençoadas ou mesmo para desabafar. Abaixo pode-se observar essa forma na produção do participante D.

Julieta aqui está minha carta de “amor”.

Aos 16 anos conheci alguém que voirou [sic] minha cabeça, era o amor e a paixão que se apoderava de mim. Noivamos casamos, tivemos quatro filhos. Os filhos de meu sonho: duas meninas e dois meninos. Estes filhos forma as coisas mais linda que Deus me deu. Cresceram netos. Mas como as coisas não duram pra [sic] sempre pelo meio do caminho da minha vida: Separação, sofri muito mas consegui superar, fiquei com os filhos menores. Entre muita tempestade consegui acompanha-los [sic] nos estudos enfim (...)Dai em diante não acreditei mais no amor até hoje estou só. Pertengo ao centro do Idoso lugar maravilhoso, uma família. Danço, canto, viajo. Acho que agora estou conhecendo o amor, o amor pela vida. (GLADS, 2013, *online*)

É interessante pontuar que a proporção das motivações sofre uma alteração que acompanha a mudança de gênero. Em virtude de ser uma carta onde o autor compartilha suas vivências, temos uma proporção muito maior da *scene* e *act*, ou seja, o ato é imbricado aos cenários, pois se constitui das vivências. Pode-se dizer que o ato é a redescoberta do amor, todavia o leitor é levado ao ato através de uma gama de cenários, sem os quais o ato não teria a mesma relevância.

Após o desenvolvimento dos alunos na tarefa de narrar, retomou-se o letramento digital, entendendo ser este, também, objetivo do projeto. Assim, foi feito um texto colaborativo com os participantes. Cada um teve a possibilidade de acrescentar e dar procedimento a postagem. A consigna era tentar utilizar a temática do amor trágico de *Romeu e Julieta*, já amadurecida pelos participantes, em um e-mail. Eles, sabendo do futuro que aguardava o personagem Romeu, deveriam imaginar-se como avós do protagonista e aconselhá-lo.

Querido Romeu

Romeu você tem que ter mais confiança em você, tem que ler mais livros de autoajuda, continua estudando [sic] provar para a família dela que ele pode fazê-la. Apoio sem se [sic] colocar contra dizendo que ele deve fazer vestibular, tentar uma faculdade, faça uma viagem. Vamos ti [sic] escutar, conte aquilo que você está sentido, o que você está pensando, se abra com pessoas da sua confiança. Dar atenção e fazer que sinta confiança em nós, queremos o seu bem e queremos que você seja feliz. Você precisa de apoio e o que daremos a ti, pode confiar em nós, e tenha consciência de fazer suas próprias escolhas, estamos aqui não para julgar e sim para ajudar. Um abraço meu querido Romeu, continue lutando e estamos aqui para lhe dar muita força, um abraço. (GLADS, 2013, *online*)

Os traços de Burke são facilmente identificáveis, a motivação mais aguda é o *purpose*, existe uma infinidade de *agencies* no texto, ou seja, ferramentas. A motivação dessa infinidade de “conselhos” ou ferramentas é para com o *act*, neste caso para que este ato não ocorra. O ato é a tragédia e ao redor dele está o agente, esse avô no contexto de um e-mail enviado às quatro da tarde para um neto do qual ele gosta muito e teme um futuro atroz. Esta advertência pura e simples é seu propósito. Todavia, como dito, o interessante nesta produção é o viés da proporção entre *agency* e *act*, sinalizando seu caráter argumentativo, sendo esta proporção diferente das outras propostas criadas até então, que em geral traziam a proporção *scene* e *act*, justamente pelo caráter descritivo do gênero. Cabe salientar que, ainda que essas proporções nos ajudem tanto para reconhecer o gênero quanto para a manutenção da temática pela motivação da escrita, deve-se ter por base que os gêneros textuais estão em constante



mudança e que as fronteiras conceituais são efêmeras e cada vez mais volúveis, principalmente neste momento de revolução tecnológica e comunicativa.

Como última atividade, os participantes foram levados a trazer a temática *Romeu e Julieta* para seu contexto e contar uma grande história de amor da qual tivessem conhecimento. Essa atividade deu-se fora do universo digital, porém os textos foram narrados oralmente e gravados em áudio para serem postados então em um blog que conteria as produções dos participantes e também o áudio com a transcrição feita pela bolsista. Esta foi uma forma de garantir aos participantes o uso do meio digital, mas evitar o elemento teclado, considerado pelo grupo um elemento limitador.

Sonhava que iríamos nos encontrar mais adiante, mas só o que aconteceu foram desencontros. Até que um dia soube que ele havia falecido num acidente de carro e que no velório, comentaram que ele gostava muito de mim. Às vezes, ele ainda aparece nos meus sonhos, sempre vivo. Com o tempo outros amores se sucederam até eu encontrar um amor compartilhando com muita admiração com o qual convivo até hoje. (GLADS, 2013, *online*)

Para esta última produção buscou-se destacar não o pentáculo de Burke (1945) e as proporções para dentro do texto, mas sim a motivação dos participantes de contar suas histórias, gravá-las, decidir e criar conjuntamente um blog para que estas ficassem em um lugar público. A diferença desta última produção não está na adequação ao relato oral e escrito, mas sim no lugar de autoria no qual estes participantes chegaram e na apropriação dos meios digitais para compartilhar seus textos, seus ideais e suas narrativas.

5 Conclusão

Espera-se, com esta análise, fomentar a discussão acerca da inserção dos idosos no meio digital, desmistificando a ideia de que a faixa etária não se interessa ou não se motivará a utilizar-se destes espaços.

O espaço é um “lugar praticado”, um “cruzamento de forças motrizes”. Um lugar, por exemplo, uma rua geometricamente definida pelo urbanismo, é transformado em um espaço de transeuntes. O espaço anima os lugares pelo deslocamento de uma força motriz. (...)espaços como relações sociais tanto entre pessoas e objetos quanto entre objetos que se distinguem de espaços físicos preexistentes (SANTAELLA, 2007, p.174)

Destaca-se, ainda, que este espaço virtual é um espaço no qual o idoso, de modo geral, é excluído. Assim, é necessário pensar não apenas em inclusão para o ensino, mas para toda

uma forma de comunicação social que está cada vez mais abrangendo a sociedade. É necessário criar com os participantes os mecanismos de acesso a este outro espaço.

Vários estudos foram feitos acerca de como gêneros digitais podem ser aproveitados, não apenas pela necessidade contemporânea de letramento e uso, mas para ganhos transversais. Pode-se citar Urresti (2008), que discorre estritamente sobre a cultura juvenil, e Prats (2008), que se foca na escola e no ganho dos participantes com o trabalho que prevê as novas mídias. Muitos fatores são elencados para esse interesse, a maioria apontando as novas mídias como pertencentes à realidade do participante, sendo esta a chave para o sucesso entre os jovens. Todavia, esta premissa não abarca o público de terceira idade, fator que é ainda mais agudo nos integrantes do projeto Glads2013 que em sua maioria não possuíam um contato efetivo com o computador, retirando suas informações do senso comum.

É importante para esse momento de verificação de sucesso ou insucesso reconhecer dois processos distintos: o primeiro é ligado inteiramente ao gênero digital, no qual os participantes apreenderam as funções do gênero e como utilizá-lo corporificando-se neste meio. O conceito de corporificação é cunhado por Santaella (2007) e diz respeito a colocar-se dentro deste espaço e o fazer um uso profícuo de ferramentas que o façam interagir com ele. Neste sentido, houve vários contratempos com a questão de hardware, ou seja, com a corporificação. Ainda assim, não era o objetivo do projeto um enfoque nessas questões de letramento em nível estrutural. Contudo, considera-se que este é um ponto onde a metodologia deveria ser repensada, visto que não se pôde fazer um letramento digital efetivo, pois o participante não se corporifica neste espaço. Pode-se, assim, entender o hardware como primeiro elemento de inserção do usuário, sendo seguido pelos perfis e eventuais identidades das quais este resolveu performar na interação com outros indivíduos no campo digital. Ainda assim, acredita-se que, com base nos textos e no diário da bolsista, a apropriação da plataforma Gmail, ocorreu e se deu de forma rápida pelos idosos.

O elemento a ser repensado fora a produção escrita dentro da plataforma, pois resolveu-se trocar o gênero em prol da “contação” de histórias, visto as dificuldades com o hardware. Ainda que a performance desses participantes tenha se prejudicado e que o trabalho massivo com o gênero e-mail tenha sido substituído, os participantes conseguiram produzir dentro do objetivo proposto, apropriar-se da história *Romeu e Julieta* e contar suas vivências.

Mesmo que cruzar o letramento digital com a temática shakespeariana de amor não tenha sido totalmente possível, pois o meio virtual necessitou ser deixado de lado em vários momentos, houve várias incursões para o meio digital, a proposta do blog e o próprio texto colaborativo são exemplos disso. Com a noção ampliada tanto para texto quanto para



literatura proposta por Scholes (2011), pode-se dizer que a produção final cumpriu com as expectativas, já que ambos espaços estiveram inseridos no mesmo contexto artístico para o autor.

Os letramentos em novas mídias devem ser vistos como habilidades sociais, como caminhos de interação dentro de uma grande comunidade e não apenas como habilidades individuais para serem usadas em expressões subjetivas. (JENKINS, 2009, p. 21; nossa tradução)⁸

Na passagem acima, Jenkins reafirma o compromisso no desenvolvimento não só de habilidades de letramento, mas de inserção social, garantindo assim a expressão dos participantes e renovando sua voz. Os compromissos do projeto que se entendem como bem-sucedidos foram a motivação, o enriquecimento da escrita e a temática, a qual foi o elemento condutor de toda a experiência dos participantes no projeto e na inserção destes no espaço digital. Logo, entendemos que são necessários mais trabalhos similares que prevejam a inserção de idosos no espaço digital, visto que não apenas práticas nesse âmbito são necessárias e, infelizmente, raras, mas também a reflexão sobre as necessidades e especificidades deste público, possibilitando-lhes uma troca de vivências, convidando-os a significá-las.

SHAKESPEARE AND WRITING: THE VOICE OF ROMEO AND JULIETS OF THE THIRD AGE

Abstract: The growing technological revolution which presently our society is going through has been requiring not only the rethinking of the ways of communication and how the contemporary being affects others and is affected in return by them, but also the linguistic and identity needs. Therefore, we have to rethink the linguistics and identity changes arising from such changes. In a society that points more and more to the digital environment as an effective interactive space, the one which embodies individuals in an increasingly way with mobile technologies, it becomes necessary to discuss the inclusion of other layers of society and age groups in this digital environment. Hence, this paper aims to evaluate texts produced by the students that are part of the project GLADs 2013 and from that to investigate which are the specificities of this group in genre acquisition and digital universe. For this objective, the current research is based on the theoretical contributions of Scholes (2011), Burke (1945) and Jenkins (2009).

Keywords: Writing. New media. Inclusion.

⁸ Do original: “The new media literacies should be seen as social skills, as ways of interacting within a larger community, and not simply an individualized skill to be used personal expression.” (JENKINS, 2009, p. 21)



Referências

BURKE, Kenneth. **Grammar of Motives**. New York: Prentice Hall, 1945.

CASE, Alexander. **15 Reasons Why PPP is so Unfashionable**. 03 abr. 2013. Disponível em: <<http://edition.tefl.net/articles/teacher-technique/why-ppp-is-unfashionable/>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

CRUZ, Cristiane Dias. **GLADS 2013: Diário Reflexivo**. 13 dez. 2013. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/13OFKWFyjFxbx5j5vRTFiPXdFu6TmvfP9Kyc1w9Fte60/edit>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

GLADS. **Amor em qualquer idade**. 05 dez.2013. Disponível em: <<http://projetogladscentrodoidoso.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

GUEDES, Paulo C. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola, 2012.

JENKINS, Henry. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. Chicago: MIT Press, 2009.

MERCHANT, Guy. Writing the future in the digital age. **Literacy**, Blackwell Publishing, v. 41, n.3, p. 118-128, 2007.

PRATS, Joan Ferrés i. **La educación como industria del deseo: Un nuevo estilo comunicativo**. Barcelona: Gedisa, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHOLES, Robert. **English after the Fall: from Literature to Textuality**. Iowa City: IOWA, 2011.

URRESTI, Marcelo (Org.). **Cjuveniles: los jóvenes, sus prácticas y sus representaciones en la era de Internet**. Buenos Aires: La Crujia, 2008.